

A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 números)	480000
OUTOMOS (até ao fim deste anno)	320000
SEMESTRE (26 números)	250000
NUMERO AVULSO	10000
SUPPLEMENTO	500
NÚMEROS ATRAZADOS	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS	10000

ESCRITORIO E REDACÇÃO
115 Rua do Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*.

Redacção de *Olavo Bilac*,

Direcção de *José Barbosa*

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 17 de Outubro de 1895

N.º 24

A CIGARRA

No seu proximo numero, *A Cigarra* terá occasião de tratar detidamente da *Alma Alheia*, o livro de contos de Pedro Rabello. Por ora, apenas podemos registrar o seu *successo de livraria* e felicitar o auctor.

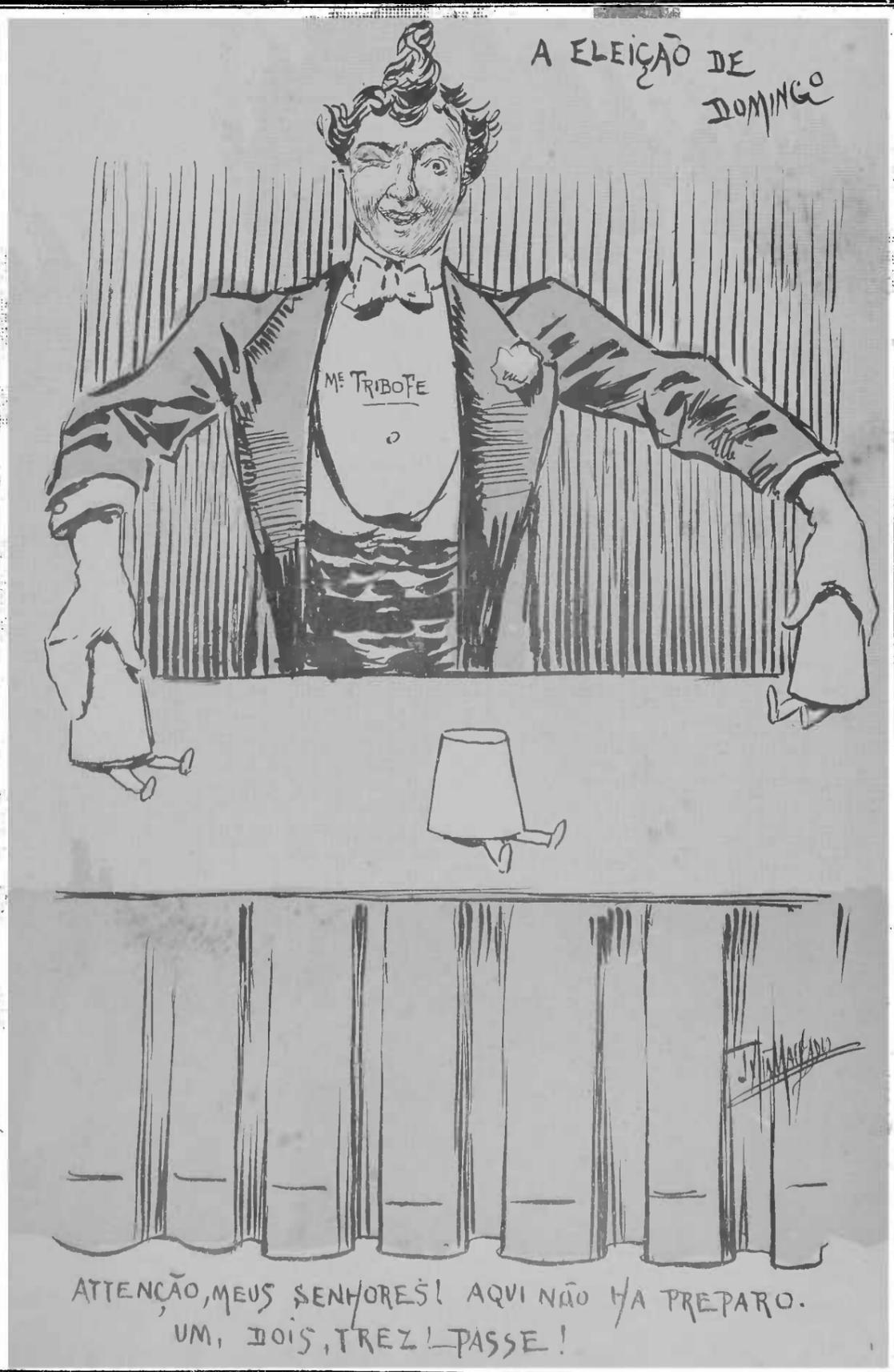


Ao distincto educador Joaquim Ábilio agradece *A Cigarra* os exemplares do *Quinto Livro de Leitura* que lhe foram offerecidos.



Devemos desde já prevenir o publico de que, a começar de 1 de Janeiro de 1896, suspendemos a venda avulsa d' *A Cigarra*, que, assim, sómente será distribuida aos seus assignantes. Estes terão, comtudo, direito á aquisição de numeros atrasados, de que porventura careçam, no caso de terem desfalcadas as suas collecções.

Fazemos esta declaração com tamanha antecedencia, para que a todo o tempo não se queixem de nós as pessoas que ainda não tiveram o bom gosto de assignar *A Cigarra*.



ATENÇÃO, MEUS SENHORES! AQUI NÃO HA PREPARO.
UM, DOIS, TRES! PASSE!



No sabbado passado, inauguração do Tiro aos pombos, no Jardim Zoologico. Que invenção! Abrem-se gaiolas, de que saem,

tontos e anciosos, os pequenos animaes, que Deus parece ter creado para o amor,— porque dizem até que foram elles que ensinaram ao homem o beijo. Saem, vibram as azas alegres, param um momento, levantam logo alto o vôo. O *champion*, de carabina em punho, faz a sua mira demorada e segura. Um tiro. Adeus, vôo ligeiro! adeus, alegria de boiar livremente no céu! — o *champion* marca um ponto, e ha um pombo de menos no ar livre.

Chama-se a isto um *sport*: é o *sport* da crueldade. Comprehende-se o amor do sangue em um tyranno, em um guerreiro. O que se não comprehende é que um homem bem educado, moderado, pacifico, tenha necessidade, para se divertir, de tirar a vida a pobres animaes inoffensivos.

Que quereis? nós, com todas estas perfeições, nós, feitos á imagem do Creador,— somos todos umas bestas feras capazes de todas as perversidades.

Antigamente, o *sport* era tambem matador e sanguinario. Em Roma, apostava-se em gladiadores como se aposta hoje em pelotaris. Quem sabe mesmo se, no tempo de Titus, já a humanidade não conhecia a *poule* e o *pari-à-côte*? Cesar, para divertir o seu povo, deu-lhe em espectaculo um grande combate entre dois bandos, cada um dos quaes não se compunha de menos de 500 infantes, 300 cavalleiros e 20 elephantes. O povo tinha a paixão do sangue. Santo Agostinho, nas *Confissões*, descreve largamente o irresistivel encanto d'esses espectaculos ferozes. Marco Aurelio perdeu a sua popularidade porque não gostava de assistir ás luctas de gladiadores. Cita-se esta inscripção de uma estatua, que a cidade de Minturnes elevou a um dos seus notaveis: « Em quatro dias, fez apparecerem ao povo 11 pares de gladiadores, que não cessaram de lutar enquanto tiveram vida. Lembrae-vos d'isso, cidadãos! »

Depois, veio o *sport* mais aperfeiçoado dos christãos que se atiravam ás feras. Depois...

Mas, a humanidade dos nossos dias achou que era feio divertir-se á custa do sangue de homens. O que não impede

que, mesmo em mil oitocentos e noventa e tres, em certo paiz que conhecemos bem, o *sport* da dególa tenha sido cultivado com um enthusiasmo indescrivel...

Na Espanha, a tourada é o divertimento nacional por excellencia. Ver cavallos estripados, *toreros* arrebentados ás chifradas, touros farpeados de morte é uma das mais consideraveis delicias d'aquella amavel e poetica e sensibilissima raça. No Brazil, as touradas sempre foram platonicas: só agora é que começamos a sentir a necessidade de divertir o espirito á custa da tortura dos animaes.

E que animaes! A Igreja symbolisou no pombo o Espirito Santo, querendo assim dar uma ideia da sua candura, da sua espiritualidade suprema, da sua bondade infinita. E, agora, fazemos da tortura desses pobres corpos frageis um gozo refinado para o nosso espirito...

Ainda se fosse tiro ás pombas...

Emfim, divirta-se cada um como entender.

Não quero perder com os pombos um tempo preciosissimo, de que preciso muito para assumpto de palpitante actualidade.

Sabereis que o *Dr. Antonio*, esse espantoso gatuno que bastaria, por si só, a honrar uma civilisação, vem de ser novamente preso, e, (tudo o faz prever) vae ser novamente posto em liberdade. Os jornaes, attendendo a que não ha semana em que o *Dr. Antonio* não seja preso e posto em liberdade, abriram contra elle uma campanha terrivel, pedindo á policia que, de duas cousas, uma: ou nunca mais o prenda, uma vez que só o prende para d'ahi a pouco o soltar, ou nunca mais o sólte, afim de que nunca mais tenha de prendel-o. Os jornaes estão hoje tão habituados á intransigencia, á intolerancia e á ferocidade das discussões politicas, que já nada sabem discutir com moderação. Collocar a policia entre as duas pontas desse dilemma formidavel é uma violencia sem nome. A policia sabe o que faz, quando se diverte a prender e a soltar oito vezes por mez o famigerado *doutor*.

Attendei! A civilisação de um povo não se affirma apenas pelo espirito liberal das suas instituições, pelo bem organizado movimento da sua administração, pelo equilibrio da sua vida nacional. Para que um povo se possa dizer civilisado é mister que se mostre aparelhado não só de virtudes perfeitas, mas tambem de perfeitos vicios. A Inglaterra, que produziu Gladstone, não seria uma nação civilisada, se não tivesse tambem produzido Jack the Ripper. Dado e provado que a natureza humana tem por força de admittir no seu ambito tanto o bem como o mal, claro é que o seu aperfeiçoamento resultará do aperfeiçoamento gradual e simultaneo d'esses dois elementos indispensaveis e parallellos.

D'ahi, a necessidade de ter gatunos celebres, como a necessidade de ter cidadãos virtuosos.

A nossa policia comprehende isso! a nossa policia bem vê que precisamos ter, para affirmar aos olhos das nações irmãs o nosso progresso, algum ladrão perito, habil, talentoso, genial, que saia fóra do commum dos simples ladrões, dos vulgares arromba-portas, dos insignificantes e primitivos saltadores de estrada.

O *dr. Antonio* é o bilontra-modelo. Veste bem. Entra no xadrez com o mesmo desembaraço com que entra n'um salão. Sabe conversar politica com os politicos, finanças com os banqueiros, *disciplina militar prestante* com os generaes, modas com as senhoras, *sport* com os *sportmen*, litteratura com os homens de lettras. A sua conversação é um kaleidoscopio

em que passam, vivamente allumiados por um espirito original e fino, todos os conhecimentos humanos. Senhores! crêde que é até um prazer deixar-se a gente roubar por um gatuno tão delicado e tão intelligente!

Sabendo isso, a policia não quer supprimir de uma vez o *dr. Antonio* do seio da nossa sociedade, confinando-o n'uma Penitenciaria, onde o seu talento ficaria improductivo, e onde, estereis e desprezadas, mirrariam as suas bellas qualidades de *gentleman* do furto. Precisamos ter aqui fóra um ladrão-modelo, como temos o Corcovado, o Corpo de Bombeiros, e os bondes electricos. Quando nos visitar um estrangeiro de distincção, não lhe havemos de roubar o prazer de ser roubado por um *pick-pocket* tambem de distincção. Por isso, a policia não prende de vez o *dr. Antonio*.

Apenas quatro vezes por mez, manda-o chamar á Repartição central, afim de ter a satisfação de verificar que elle ainda existe, para honra e gloria da cidade de S. Sebastião. Chama-o, examina-o, conversa affavelmente com elle, admira-o, anima-o a proseguir: «Vá, doutor, vá! Vá continuar lá fóra a sua ardua e benemerita missão de illustrador e civilizador! Não esmoreça, doutor, não esmoreça!»

Ahi tendes a razão pela qual a policia trata bem o *dr. Antonio*. Mas a imprensa não sabe, ou não póde, ou não quer ver as cousas como as cousas são...



CANCIONEIRO

VIII
MENTIRA

— E' mentira! Não creias, minha amada: deixa as flôres na camara. Mentiu quem disse que o perfume das rosas e das violetas mata. Que seria dos passaros pequenos? Que seria das borboletas, se a alma das flôres sahisse, pela treva da noite, para o assassinio? Não creias, minha amada. Quem tal cousa te disse mentiu calumniando.

A flôr é incapaz de traição! Não confundas o perfume com o aspide... E aqui te digo em segredo: se alguma rosa ouvisse palavras taes pronunciadas, nem sei que pequenina vingança imaginaria a flôr!

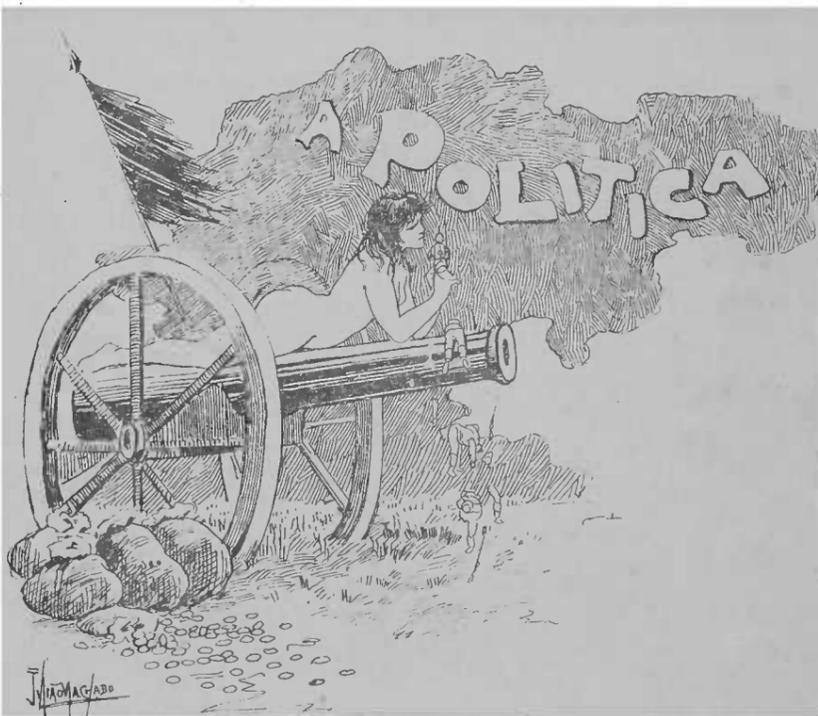
Deixa-as na camara; durmamos com as innocentes companheiras, e não tenhas receio! — aqui estou eu para guardar-te contra todas as ciladas. Covardes as flôres... envenenarem durante o somno... que calumnia!

E agora tu, minha amada, sê franca: se as flôres envenenassem, eu estaria aqui contigo, beijando-te? E, todavia, durmo todas as noites com as duas rosas das tuas faces, com a papoula da tua bocca, e com as magnolias do teu collo, aspirando todas essas flôres e, mais ainda — teu halito que trescala, que embalsama o aposento, e espalha-se pela noite. Quem sabe se não é elle que dá perfume ás flôres?

Se o aroma envenenasse, que seria de mim, mimosa flor da minha companhia?

E' mentira, não creias, minha amada! Deixa as flôres na camara, dorme... e perfuma o meu somno.

Coelho Netto.



Quando este numero d'*A Cigarra* for distribuido, já não estará sem dono a cadeira que Lopes Trovão deixou vasia na Camara. Estou escrevendo esta chronica politica na manhã de domingo. D'aqui a pouco, irei cumprir o meu dever de cidadão introduzindo no bojo sagrado da urna eleitoral o meu pobre voto que não sei se será contado. Contado! — Quando se trata de apurar a votação de um adversario, as mezas só conhecem, das quatro operações, a da subtracção. Pobre voto! misera cedula! — com qué fria, com que perversa indiferença te lançarão d'aqui a pouco á cesta dos papeis velhos, levando de envolta a minha soberania de parcella de povo, despresa da e amarrotada como um trapo velho!...

×

E, já que d'aqui a pouco tenho de ir votar, anda cá, minha Consciencia! Pezemos bem o valor de cada um dos candidatos! Reflectamos bem sobre as vantagens que para todos nós póde trazer a eleição de cada um d'elles, e façamos o possivel para que a escolha seja pensada e justa!

×

1º candidato.— Thimoteo da Costa, Quem é? E' um republicano! Só? Só. Parece que basta.

Para esta gente que é hoje a manda-chuva da Republica, este facto de ser republicano historico é uma qualidade que dispensa todas as outras, e uma sorte de investidura sagrada, graças á qual um sujeito pode ser tudo, nesta vida, desde negociante até senador e desde engraxate até presidente da Republica. Fulano é analphabeto? Que importa? sendo republicano historico, pode ser nomeado mestre-escóla. Sicrano é tapado como um muro? Que importa? sendo republicano historico, é o maior genio da terra! Beltrano é de uma honestidade duvidosa? Que importa? sendo republicano historico, podemos entregar-lhe todos os nossos capitaes.

Explique isto quem quizer! O facto ahi está, incontestavel e firme. Dou-vos a minha palavra de honra: não sei o que o cidadão Thimotheo tem feito de notavel em sua honrada e obscura vida. Não consta que o cidadão Thimotheo seja orador, não consta que o cidadão Thimotheo seja escriptor, não consta que o cidadão Thimotheo tenha dado provas de que póde ser legislador. No entanto, todo um partido, (e o partido repu-

A Coque

A Sentimental



Vive do aroma das brisas e lê poemas lyricos. Adora as noites estreladas, a lua em pleno azul, o canto do sabiá, e tem o mais profundo desprezo pelos homens que lhe fallam... em prosa.

A ALTA



A MULHER COQUETE
Um coração como o bad do Flamengo: — electrico, caprichoso e feroz. Variedade de toilettes e de flirts. — Tem flirts especiaes para o Lyrico, para a rua do Ouvidor, para os conventos do Carmo, para casa. Destreza no olhar.
Só namora sentada. De pé um ar altivo que desnorteia. Diverte-se a fazer. Muito visível no Paschoal.



A MULHER ALTA
Um unico ideal : um marido baixo.

A MULHER SENSUAL
Pulso acelerado. Relê Bourget com a convicção com que qualquer Soeur Josephine repassa as contas de seu rosario. Como ella percebe o divorcio!

A Sensual



A Coquette

A Ciumenta



A MULHER CIUMENTA

Amor feroz. Scena de lagrimas e finais d'acto obrigados a faniquito. Amor felino— unhas e dentes. O terror dos maridos, que entram no lar ainda com o pó d'arroz do crime e alguma liga perdida na algibeira do paletot

A MULHER COQUETTE

bond do Flamengo:— ele-
l. Variedade de toilettes e de
iaes para o Lyrico, para a rua
certos do Cassino, para uso
har.
De pé tem um ar altivo que
e diverte. Muito visível no



A BAIXA



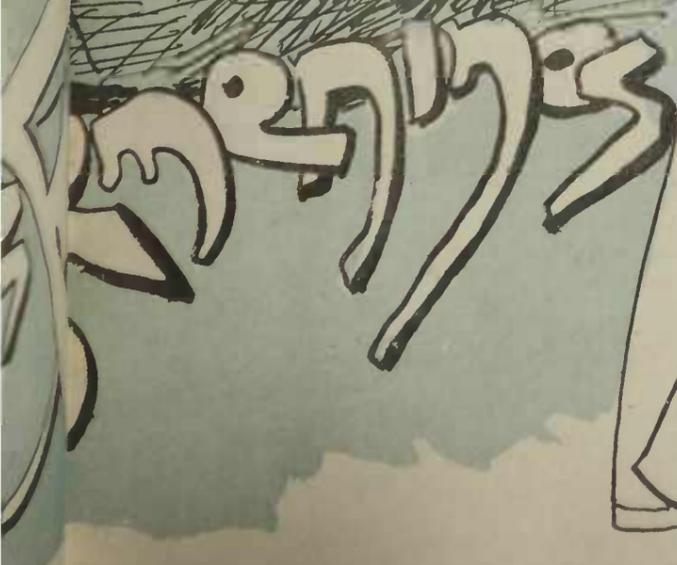
A MULHER MAGRA

Profundamente triste — e resignada á sua má estrella ou á sua tísica que faz com que por ella ninguem ainda tenha commettido o peccado da carne.

A MULHER BAIXA

Um unico ideal : um marido alto.

A MAGRA
J. V. MAGALHÃES



blicano por excellencia!) apresenta como seu candidato o cidadão Thimotheo: porque? porque é republicano historico...

Bem! eu é que não me deixo levar por essas cantigas! tumbem o 29 ou Honra e Gloria é militar historico, e nem por isso eu o encarregaria nunca de commandar os exercitos da Republica! Vamos a outro candidato, ó Consciencia! este não serve...

X

Segundo candidato: Henrique Alves de Carvalho... Hein? ainda? Ainda! Este não é historico. E' Republicano, porque não ha hoje ninguem que o não seja. N'esta terra, só uma cousa ainda não adheriu: o sello postal, que cada vez tem menos gomma. Será republicano... Historico é que não é. Tenho o conhecido a pleitear eleições desde que nasci, e não sou nenhuma creança. Creio que até pretendeu o logar de deputado á primeira constituinte do ex-Imperio....

Votarei nelle, Consciencia? Nada! Porque?... Nem tudo se diz, Consciencia! Não digas nada e não votes n'elle! E passemos a outro candidato, que é...

X

... o terceiro: José Carlos do Patrocinio. Este sim, que, atravez de todos os estados de sitio e atravez de todas as calumnias, tem conseguido trazer até hoje, immaculada, a sua sua honra de cidadão, e imperturbavel a sua nobre coragem de dizer, aos grandes como aos pequenos, a pura, a serena, a forte Verdade! Este sim, que nunca prérgou a guerra e a dególa! este sim, que, para ser republicano, nunca precisou de viver agachado á sombra das botas da dictadura militar! Este sim, Consciencia! Vamos! escrevamos o seu nome n'um quadrinho de papel, e vamos á minha secção!...

X

Devagar, consciencia! devagar! Mestre Glycerio já declarou cathegoricamente que, se por uma porta entrar José do Patrocinio, pela porta opposta sahirá elle, Glycerio. Bem sabes, Consciencia, que mestre Glycerio não é homem para dizer uma cousa e fazer outra. Logo, claro é que mestre Glycerio tem a certeza de que Patrocinio nunca entrará na Camara.

E, pois, claro ainda é que os votos dados a José do Patrocinio só serão apurados por milagre... E, então, para que hei-de eu, nesta bella manhã de domingo, desprezar, pelo cumprimento de um dever platonico, a minha doce poltrona, os meus livros queridos, o meu cachimbo fiel? Para que hei-de eu ir, gastando em vão um pedaço de papel e uma gotta de tinta, depôr na urna eleitoral o meu voto?

X

Não, Consciencia! deixa-te de bravatas, e adormece. Não vou votar. Já sei que isto é um crime. Mas antes ser criminoso que besta! Antes ser executado que logrado! Antes a maldição da historia do que a certeza de me ver bigodeado por uma meza eleitoral. Consciencia! põe-te á larga!

Moleque! prepara-me um bom almoço! Hoje não saio de casa. Quero almoçar bem! Lucullo almoça com Lucullo!

L. F.

OS NOVOS

ESTATUA

Encontrara-a assim, uma noite, sob o tecto de um kiosque de verduras, onde, serpenteando, emmaranhavam-se hervas, num desdobrar filiformeado e torto de vermes desengonçados, em marcha torcicollosa e zig-zaguenda de caminantes sem pharol, arriscando passadas, retrocedendo apóz, investindo para os lados, numa exploração continua de estrada a trilhár.

Successivamente, pelas outras noites, vira-a ainda, naquella posição parada e extatica de contemplativa, nua, o leite do luar a lavar-lhe o ventre, a lavar-lhe o corpo, cahindo da cabeça aos pés, em corcovos d'agua despenhando-se por uma cascata, morrendo no vacuo de um ponto cujo desenvolvimento parou muito cedo, ressusitando ao nivel do Todo, topicamente transformado no espontaneo curioso do desnivelado.

De longe, vindo pelo luar com o violino á cinta, sobre a sua retina cahira deslumbrantemente, — numa grande pompa de prata branca, numa illuminação phantastica de lampadas de reverbero, projectadas para o brilho scenico de uma apotheose, altisonante e estrondosa, armada sem desperdicio de effeitos, mirando a fascinação dos espectadores de olhos esboghados num grande esforço de fixação demorada — a nota suave daquella carne branca de Virgem, posta ao alto, com a grande pallidez tegumental da Morte, como uma perola encastoadada na mancha de esmeralda liquida da folhagem.

Os seus olhos eternamente postos para o ar, numa agonia supplicada é tantalica de visão de castellos d'ouro, lagos metalisados com cysnes á tona, luz viva trombeteando fanfarras ruidosas, por traz das nuvens, para além do conhecido, até onde chegava a sua imaginação, até onde não chegavam os seus braços.

Pelo seu cerebro passassem embora, faustosamente, visões embriagadoras de corpos estreitados — pelles doiradas e reuizentes pelo retesamento epileptico dos musculos distendidos na extrema vibração sensorial do gozo brusco, — o corpo continuava na immobilidade devota e compungida de crente, ouvidos alerta para a instrumentação chorosa do ritual estudado de um templo, labios mudos, membros petrificados.

Nem a nota festival de um sorriso, nem gritos arremessados num tregeito torto de labios convulsos.

O violino ferido coagulava sons pelo ar, que iam vagarosamente, de rojo, numa humildade covarde de Inferior, em marcha cambaia de genuflexados, vencendo a custo o espaço, chegando até elle, cantando-lhe aos ouvidos toda a prece ardente e desesperada de um apaixonado... iam para além, apóz, deixando-a na sua frieza e paralyisia absoluta de estatua.

Porque seria uma estatua?

Duvidava ainda.

Uma má cerebração feminina talvez, localisações emmaranhadas, montadas umas sobre as outras, num entrelaçamento tortuoso de raizes de arvore, retorcidas, deixaram-n'a nesta loucura quieta do extasis eterno da estatua. O Som, tamborilando como um camartello harmonico de ouro sobre o crystal dos nervos, talvez a acordasse daquella lethargia profunda que prendera o seu organismo, constringindo vasos, roubando a actividade da irrigação sanguinea, que lhe punha pela pelle a chlorose de um luar desmaiado. Mas, pelos luares maguados, com as dolencias lithurgicas do violino, — que, para a sua percepção subtilissima de Requitado, cantavam como pombas brancas amorosas, arrulhando uma doce e abandonada canção, turturante e torturada, — não acordaram aquelles nervos, não fremiram aquelles labios.

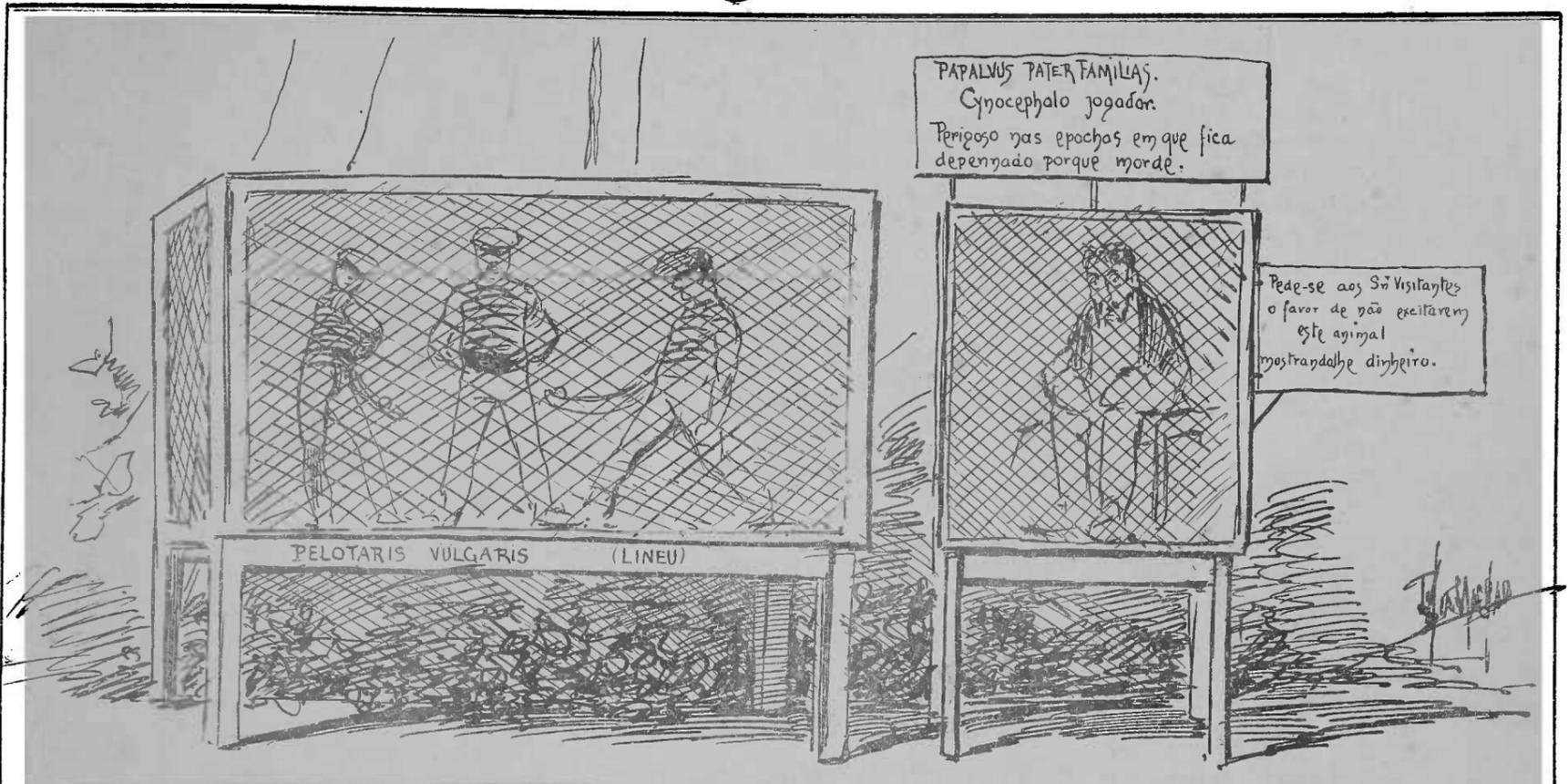
Seguiu o Som então; genuflexado, humillimo, mãos erguidas para o Idolo, labios sussurando uma prece, chegou até o nicho de hervas.

Rojou o ventre pela terra, estendeu os braços crucificando-se sobre o sólo, prostrando-se em uma grande contricção da sua impureza, e tres vezes beijou o pó das suas alpercatas.

Sentiu então a frialdade da Estatua: e o pavilhão do Riso desfraldou-se festival e alacre pelos seus labios, cantando — a alleluia! — que despontara para sua alma, abrindo-lhe todas as portas para a Luz, para a grande Luz, para a Vida, para a grande Vida...

Perversidades, aberrações femininas e anti-artisticas da Ideia e da Phrase, não se acoitariam naquella corpo. Amava emfim uma estatua! Attento para os lados, numa apprehensão vigilante de Sacrilego, carregou-a aos hombros, curvando-se com o peso e desapareceu para além, para muito além, para algum sahara ermo e deserto, para alguma ilha, vasia e só, em meio do glauco oceano, onde ninguem lhe roubasse o seu Idolo, o seu doce Idolo...

Claudio de Souza.



A NOVA COLLECCÃO ZOOLOGICA DO PARQUE DE VILLA ISABEL.

Esta secção está decididamente condemnada a mudar de nome, como as illustrações d'A Cigarra mudam de colorido. Principiou, chamando-se *Theatros*; depois, como o chronista reconhecesse que nem só a vida theatral enche a vida carioca, tomou a secção o nome mais amplo de *Vida nocturna*. Agora, já nem mesmo este nome serve. Porque estou hoje obrigado a dizer o que foi a inauguração do Jardim Zoologico, sabbado passado, e não sei como classifique entre os acontecimentos da *Vida Nocturna* o delicioso *pic-nic* que o Galvez offerceu aos seus convidados. Emfim, os nomes pouco valem. Que importa seja falso o rotulo, quando o vinho é verdadeiro? O meu amigo Campos da Paz nunca perseguiu o Fritz Mark porque elle fabricasse aqui os seus rotulos, mas os seus vinhos.

Na manhã de sabbado, a população acordou alarmada. O Galvez fez a cousa com geito. Os bonds especiaes eram quarenta; as bandas de musica eram não sei quantas. Vimos o soberbo local em que estão installados o tiro aos pombos, o tiro ao alvo, o tiro ás gallinhas, o tiro aos marrecos, o tiro aos coelhos. Vimos depois o *Pim! pam! pum!*, assembléa de bonecos de cabeça dura, que a gente têm de derrubar ás pelotadas. Depois, a esplendida sala de fogos varios, verdadeira sala de cassino, em que os amadores encontram bilhar, baralhos, gamão, damas, floretes, espadas, pistolas, trapezios, barras fixas e volantes, bagatella, cavallinhos, phonographo, o diabo! E depois, ah! depois....

Perdão! deixem-me antes fallar do frontão, que é moderno, de estylo a que não estava habituado o publico,— de uma só parede,— o que, difficultando o jogo, por isso mesmo o torna mais interessante. E agora fallemos do almoço!

O Galvez quiz dar-nos um almoço original, e serviu-nos, á gaúcha, um boi e dous carneiros carneados no campo, assados *con cuero*, em formidaveis espetos. Foi um repasto patriarcal... E quando, ainda com o estomago cheio, fomos assistir á primeira *quiniéla*, desabou sobre nós um calor espantoso. Que dia! O verão entrou furiosamente, como um tyranno. Suór, falta de ar, esfalfamento... Abalei para a cidade. Viva o Galvez! O seu jardim está admiravelmente installado, e é impossivel que o publico não corra a enche-lo todos os dias.

Está reaberto o *Eden-Lavradio*. De novo a *Pepa* recebe palmas e flôres. O *Poço Encantado* é uma bella opereta de Audran. A primeira representação não correu de todo bem, pela falta de ensaios. Mas, na segunda noite, já os côros se portaram com mais decencia, e, ou eu me engano muito, ou o *Eden-Lavradio* vae ganhar dinheiro a rôdo.

No domingo, tivemos no *Lyrice* uma esplendida *matinée* organizada por Furtado Coelho. José do Patrocinio foi o encarregado de abril-a, com uma saudação eloquentissima a Portugal.

Além d'isso, tivemos, recitada pelo actor Cardoso da Motta, uma poesia deslumbrantissima de Luiz Murat. Musica, hymnos, comedias, completaram o programma.



A VERDADE que sabe do poço do EDEN é tão alta, tão esguia, tão ossea e vem tão mal... despida que nos pareceu uma verdade... dura de roer. Deem-lhe afforda, Sr. da Empresa! Pobre senhora!

On Soirée brayca de Pierrot (A ME!!!)



— A PRIMEIRA WALSA, AO MENOS !

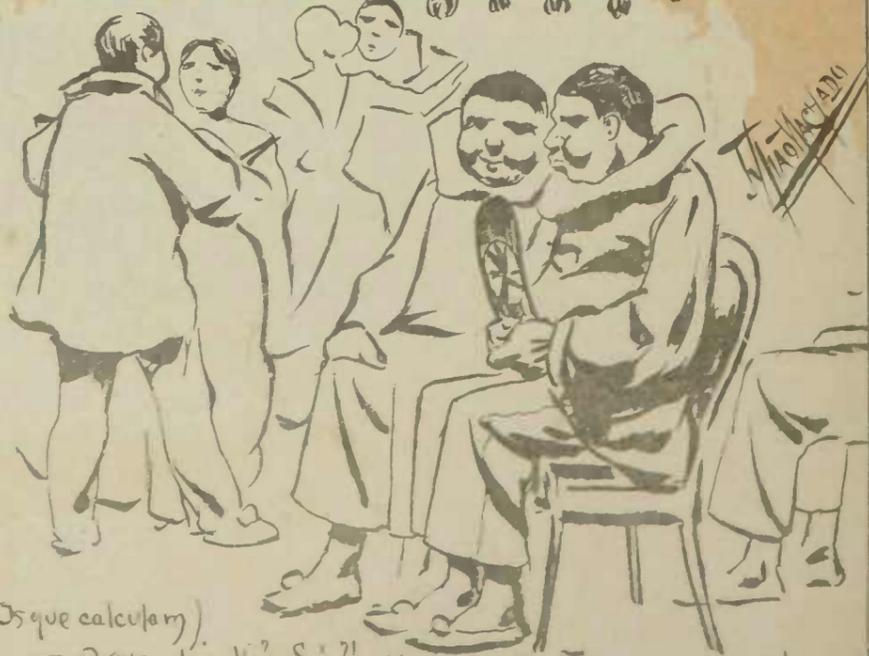
— Como lhes sou grato por terem querido vir !



— E um encanto esta polka, dançada com VEXA!

- INEVITAVEL

(Os que não calculam.)
- Que deliciosa noite!



(Os que calculam)
— O que diz V? Só?! Upa! upa!.. Talvez o dobro!